

Percepções e reflexões sobre desigualdades de gênero, raça e classe no espaço de trabalho de profissionais do Eixo Ambiente e Saúde

Perceptions and reflections on gender, race and class inequalities in the workplace of the Environment and Health Axis

     *Tânia Gracieli Vega Incerti**1

     *Lindamir Salete Casagrande***2

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar e refletir sobre expressões de desigualdades de gênero, raça e classe vivenciadas por técnicas(os) egressas(os) dos cursos do Eixo Ambiente e Saúde do Instituto Federal do Paraná, no seu espaço laboral. Como a pesquisa foi realizada durante o período de Pandemia da Covid 19, a discussão sobre as implicações desse contexto também faz parte deste artigo. Para tanto, analisaremos o corpus resultante de 162 questionários *online* e 20 entrevistas semiestruturadas realizadas com egressas(os) de cursos técnicos subsequentes em: enfermagem, massoterapia, prótese dentária, radiologia e saúde bucal formadas(os) no Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba e Campus Londrina, no período entre 2015 e 2019. Como resultado, apontamos que estas(es) profissionais vivenciam expressões de desigualdades de gênero, raça e classe nos seus espaços laborais. Essas expressões muitas vezes são ratificadas pelo senso comum, são naturalizadas no cotidiano e nem sempre são percebidas como desigualdades.

*Doutora e Mestra em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Formada em Serviço Social pela Universidade do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Assistente Social no Instituto Federal do Paraná. Pesquisadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia da UTFPR. Email: taniag_vega@yahoo.com.br

** Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pelo PPGNEIM/UFBA (2015). Mestra (2005) e doutora (2011) em Tecnologia pelo Programa em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná -UTFPR. Pesquisadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia - GeTec. Escritora de biografias de mulheres para o público infantojuvenil. Email: lindasc2002@gmail.com

Palavras-chave: Eixo ambiente e saúde, desigualdades, gênero, raça, classe.

Abstract

This article aims to present and reflect on expressions of gender, race and class inequalities experienced by technicians who graduated from the courses of the environment and health axis of the Federal Institute of Paraná, in their workspace. As the research was carried out during the Covid 19 Pandemic period, the discussion about the implications of this context is also part of this article. To this end, we will analyze the corpus resulting from 162 online questionnaires and 20 semi-structured interviews carried out with graduates of subsequent technical courses in: nursing, massage therapy, dental prosthesis, radiology and oral health trained at the Federal Institute of Paraná, Campus Curitiba and Campus Londrina, in the period between 2015 and 2019. As a result, we point out that these professionals experience gender, race and class inequalities in their workspaces, which are often ratified by common sense, are naturalized in everyday life and are not always perceived as inequalities.

Keywords: Environment and health axis, inequalities, gender, race, class.

Para começar

Iniciamos este artigo apontando que não compreendemos e nem toleramos que as diferenças, que devem servir para informar nossas singularidades, sejam elas de raça, cor, de gênero, de classe sejam transformadas em preconceitos e discriminações. É importante destacar que a definição de marcadores sociais é por nós compreendida como uma forma de definir como as diferenças são socialmente determinadas e “contém sistemas de dominação” e opressão no

que se refere à hierarquia, assimetria, discriminação e desigualdades que acabavam por produzir “efeitos de subordinação social” (Piscitelli, 2008, p. 267; Saggese *et al.*, 2018).

Heleieth Saffioti (1992), nos diz que gênero, assim como raça/etnia e classe, para além de categorias de análise são também categorias históricas, visto que, antes de serem concebidas como construções intelectuais, operam na realidade empírica. Para a autora, o machismo e o racismo são mais que preconceitos. Além de ideias preconcebidas, estruturas de poder os sustentam, estruturas essas mantidas por relações sociais de dominação-subordinação.

O espaço em que se inserem as(os) participantes desta pesquisa, egressas(os) de cursos técnicos do Eixo Ambiente e Saúde, é permeado por marcadores sociais, especialmente de gênero, raça e classe, que podem e devem ser tensionados. O espaço de formação na Educação Profissional e Tecnológica, especialmente dos cursos técnicos, é ainda um espaço desvalorizado e “destinado” quase exclusivamente à classe trabalhadora de extratos sociais com menor poder aquisitivo, para atendimento das demandas do mercado de trabalho. Em relação aos/às participantes desta pesquisa, há uma prevalência muito significativa de mulheres ingressantes e formadas neles. Em comum, esses cursos técnicos, componentes do Eixo Meio Ambiente e Saúde, resultam em profissões ligadas à área de saúde, que, historicamente, sabemos, é ligada ao cuidado e esse é constituído por estereótipos femininos e socialmente “destinado” às mulheres, especialmente àquelas de classes sociais subalternizadas.

Falar de gênero, classe e raça significa falar de pessoas que, por muito tempo, foram excluídas do processo formal de educação e separadas por uma divisão sexual e social de trabalho que a elas determinava os trabalhos menos valorizados socialmente.

Diante desse contexto, este artigo, resultado parcial de uma tese de doutorado³, tem por objetivo apresentar e refletir sobre essas dimensões da desigualdade vivenciadas no espaço

³ Será um sonho pela metade? Reflexões e percepções sobre gênero, raça e classe vivenciadas na formação profissional e no espaço laboral de técnicas/os do Eixo ambiente e saúde do IFPR.

laboral de técnicas(os) egressas(os) dos cursos do eixo saúde do Instituto Federal do Paraná. Fazem parte deste eixo, os cursos técnicos subsequentes em: Enfermagem, Massoterapia, Prótese Dentária, Radiologia e Saúde Bucal de uma instituição federal de ensino profissional e tecnológica do Brasil. Em vista do contexto temporal em que a pesquisa foi realizada, pleno período de isolamento social da Pandemia da Covid 19, as implicações desse contexto também serão consideradas nesta pesquisa.

Como técnicas para a busca de informações nos utilizamos de questionário *online* respondido por 162 pessoas e entrevistas semiestruturadas realizadas com 20 egressas(os). É importante informar que a composição das(os) participantes⁴ da pesquisa era de: 86% de mulheres cisgênero⁵ e 14% de homens cisgênero, 66% de raça/cor branca e 31% pessoas negras (somadas pretas e pardas) 2% pessoas amarelas e 1% auto identificadas como indígenas, com idades até 40 anos, oriundas de escola pública e com rendas *per capita* de até dois salários-mínimos, sendo que para 62% das pessoas o valor *per capita* é de até um salário.

Como inspiração para a análise das informações nos utilizamos da Análise de Discurso Crítica. Em específico, o modelo tridimensional dialético-relacional proposto por Norman Fairclough (2016), o qual contempla o discurso e sua análise em três dimensões: como texto em si, como prática discursiva resultante e que resultará na ação, interpretação e representação social e como prática social considerando o contexto situacional e institucional vivenciado pelas(os) participantes da pesquisa.

⁴ Em relação à distribuição por cursos/profissões, as(os) participantes da pesquisa constituíram-se por: Enfermagem (37 mulheres cis e 04 homens cis), Massoterapia (48 mulheres cis e 10 homens cis), Prótese Dentária (13 mulheres cis e 05 homens cis), Radiologia (19 mulheres cis e 02 homens cis) e Saúde Bucal (23 mulheres cis e 01 homem cis).

⁵ Mulheres cisgênero (Sexo biológico feminino e identidade de gênero feminina); Homens cisgênero (Sexo biológico masculino e identidade de gênero masculino)

Considerando as implicações éticas do fazer científico e especialmente tendo por base as Resoluções CNS n. 466/2012 e n. 510/2016⁶ do Conselho Nacional de Saúde/BR que normatizam as pesquisas realizadas com seres humanos, esta pesquisa foi apresentada e aprovada por dois comitês de ética⁷. Assim, o caminho preliminar para a construção das informações iniciou-se pela etapa de aprovação do projeto.

O trabalho e as profissões feminizadas

Para começar a discussão que propomos neste item é importante retomarmos a distinção entre os conceitos de feminização e a feminilização. Para tanto, nos valeremos da contribuição de Silvia Yannoulas (2011) para a qual o primeiro conceito tem significado qualitativo, referindo-se especialmente aos processos de transformações e determinações de ocupações ou profissões, englobando práticas, tanto sociais quanto simbólicas, que determinam impactos e consequências de se ter um quantitativo predominante de mulheres nesses espaços, sendo essa predominância quantitativa na definição de feminilização. Ratifica-se que os diversos movimentos feministas apontam que entre os paradoxos presentes nos processos de feminização, está o fato de que isso representa tanto um processo de resistência como de submissão das mulheres às condições precárias impostas. (Abramo y Abreu, 1998; Nogueira, 2004; Dias 2010; Yannoulas, 2011). Ainda, não se pode deixar de mencionar, que,

[...] quando as profissões e ocupações se feminilizam, passam a ser entendidas como extensão no espaço público da função privada de reprodução social. Assim, ao analisar a mudança na existência objetiva de uma profissão ou ocupação (feminilização), é

⁶ As(os) participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual constava os objetivos da pesquisa, a metodologia, os riscos e benefícios, a garantia do anonimato, dentre outras informações referentes à pesquisa.

⁷ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE: 30647820.0.0000.5547 e CAAE: 30647820.0.3001.8156.

necessário questionar como e por que aconteceu a mudança (feminização de atributos, características descritivas que determinam e regulam o exercício da profissão ou ocupação), e verificar o impacto qualitativo dessa feminilização para o conjunto do mercado de trabalho e na própria profissão, bem como suas consequências para a realização do trabalho doméstico. (Yannoulas, 2013, p. 39)

É preciso apontar que muitas profissões feminizadas são socialmente desvalorizadas e, tal como aponta Silvia Federici (2017), no processo de globalização vivenciado na sociedade capitalista, especialmente, o processo de feminização da pobreza é acentuado.

Com base nessa prerrogativa, é importante indagar se as profissões, provenientes dos cursos técnicos do Eixo Ambiente e Saúde, são, além de profissões feminilizadas, também profissões com histórico e vivência de feminização da pobreza? Essa questão esperamos pôr em discussão com a pesquisa proposta neste artigo.

Lembramos, tal como destacam várias(os) autoras/es que discutem o trabalho (Souza-Lobo, 1991; Hirata, 2016; Antunes, 2011), que para que se compreenda a classe trabalhadora é preciso ter em vista o quão significativo é o processo de feminização do trabalho, atingindo, conforme apontado por Ricardo Antunes (2011, p. 119) “mais de 40% ou 50% da força de trabalho em diversos países, e que tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho part-time, precarizado e desregulamentado”.

Nesse contexto, ao observarmos as relações sociais de gênero, raça e classe como transversais, interdependentes e interseccionadas, essas desigualdades são ainda mais expressivas nas profissões feminizadas. Acrescentamos aqui que associadamente “o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as possibilidades relativas das pessoas e constituem instituições e políticas que as afetam”. (Crenshaw, 2002, p. 177).

Como propõem Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2015), se realizarmos uma análise que foque somente nas relações de classe é possível que deixemos de fora a forma com que as relações de gênero e racismo moldam a dominação no capitalismo, posicionando as mulheres e a população não branca em lugares inferiores, independentemente de sua posição em determinada classe social. Assim como, partir de uma análise das relações de gênero sem problematizar as desigualdades oriundas de classe e raça, universaliza um sujeito mulher, essencialmente constituído, desconsiderando as relações de poder e hierarquias e as experiências e interesses de muitas mulheres que constituem a realidade social.

Ao nos voltarmos para as profissões relacionadas ao Eixo Ambiente e Saúde, as quais em sua maioria envolvem o cuidado, destacamos, com base em Helena Hirata (2016), que essa é uma área denominada como trabalho do *care* (cuidado); é um dos espaços que concentra desigualdades de gênero, classe e raça, tendo em vista que a maioria das pessoas que desempenham atividades como cuidadoras são mulheres, negras e de classes sociais subalternizadas.

Mas por que o cuidado, que devemos, nós, seres humanos, ter acesso, e que em algum momento da vida necessitaremos, passa a ser essencializado como uma função feminina? Essa é uma questão certamente debatida há muito tempo pelas feministas; todavia, ainda que respostas tenham sido alcançadas, a estrutura da ação permanece quase imutável, pouco se avançando nessa questão. Tanto o acesso às formações próprias dessas profissões, quanto o seu mundo do trabalho, e especialmente o trabalho não remunerado referente ao cuidado ainda é feminino. Considerando o exposto, interessa-nos neste artigo, apresentar e refletir sobre desigualdades de gênero, raça e classe percebidas e vivenciadas no espaço de trabalho de egressas e egressos do Eixo Ambiente e Saúde. Assim, no próximo item, suas falas guiarão a discussão a que nos propomos.

Expressões de gênero, classe e raça e as dificuldades de inserção no espaço de trabalho

Ao termos por base o questionário aplicado, identificamos que 63,6% das(os) participantes informaram que na sua percepção ocorrem situações de discriminação e desigualdade de gênero, raça e classe no mercado de trabalho, contrastando com 36,4% informando que não.

Com o objetivo de conhecermos as expressões dessas desigualdades no mercado de trabalho, solicitamos que às/aos respondentes descrevessem essas situações. Ao procedermos a síntese das respostas descritivas apresentadas no questionário identificamos que 102 pessoas contribuíram. Para a síntese e análise destas respostas, recorremos à nuvem de palavras⁸. Em vista do grande número de participantes, optamos pela utilização da nuvem de palavras por considerarmos que esta técnica poderia ser a mais adequada para identificarmos situações mais relevantes do contexto em questão.

Como critério, destacamos as palavras que apareceram no texto com frequência acima de 10 menções. Salientamos que apesar desse critério, a opção por esse método, apresenta algumas limitações como o destaque de conectivos. Ao retornarmos aos textos com as cinco palavras mais frequentes, observamos que a palavra mulher/mulheres foi mencionada 55 vezes, homens 39, seguidas de trabalho 24 vezes, mensagem 15 vezes e profissional 13 vezes. Observemos:

⁸ Para tal utilizamos o aplicativo gratuito *Word Cloud Generator* e para que obtivéssemos dados válidos, retiramos os pronomes e os artigos definidos e indefinidos.

Figura 01

Nuvem de palavras – “Desigualdades no mercado de trabalho”



Fonte: Questionário Egressos(as) 2021

Nas menções que continham a palavra *mulher/mulheres* destacamos a lembrança de que na área técnica em Enfermagem, Saúde Bucal e Massoterapia há uma preferência pelo atendimento das mulheres, especialmente quando o cuidado é destinado a uma pessoa do mesmo sexo. Ou, em algumas situações de atendimento ao sexo oposto, essas profissionais são ou sentem-se assediadas. Nas falas das profissionais técnicas em Enfermagem e Massoterapia, esse assédio pode ser identificado como sexual. Já em Saúde Bucal foi recorrente uma forma de assédio moral, em que essas profissionais muitas vezes sentiram-se inferiorizadas. Para as(os) técnicas(os) em Radiologia e Prótese Dentária a menção refere-se à dificuldade das mulheres conseguirem empregos nessas áreas.

Ao observarmos a palavra *homem/homens*, o significado dos extratos é basicamente o mesmo apontado quando da palavra mulher, em que nos espaços profissionais, em determinadas áreas, há uma preferência por contratação de homens. Assim, além do anteriormente mencionado, mesmo nas áreas feminilizadas, há uma divisão de área em que certas atividades são divididas sexualmente. Por exemplo na massoterapia esportiva a preferência é pela ocupação dos homens e em enfermagem, alguns setores como a maternidade preferem mulheres, em outros, como na UTI, em que comumente se necessita de força física, os homens são preferidos nas contratações.

A palavra *trabalho* por obviedade foi muito mencionada, visto que o enunciado da pesquisa buscava conhecer as manifestações de desigualdades no espaço do trabalho. Aqui, destacamos que a questão da não ocupação de pessoas negras nesses espaços foi lembrada. Ainda foi significativa a lembrança da sexualização dos corpos das profissionais de massoterapia e o desrespeito e a desvalorização que as técnicas em saúde bucal enfrentam pelos(as) seus(suas) superiores.

A palavra *massagem*, além de representativa, visto que o maior número de participações na pesquisa foi de pessoas egressas desse curso, denota também uma expressão de desigualdade, especialmente de gênero, que foi recorrente nas respostas tanto do questionário quanto das entrevistas. As menções feitas a partir dessa palavra referiam-se às situações de assédio sexual que as profissionais massoterapeutas vivenciam recorrentemente.

Em relação à expressão *profissional*, os recortes em que essa foi encontrada diziam respeito à pouca presença de profissionais negras(os) na área da saúde, bem como traziam exemplo de como os homens enquanto profissionais dessas áreas são expostos a questionamentos quanto a suas possibilidades de atuação.

Ao nos dedicarmos à compreensão da percepção das(os) participantes sobre as desigualdades no espaço de trabalho das(os) técnicas do Eixo Saúde, identificamos que as expressões de gênero, classe e raça se fazem presentes e são percebidas pelas(os) participantes.

A escassez de vagas de trabalho foi apontada pelas participantes técnicas em Prótese Dentária com uma possível expressão de desigualdade. Junto a isso, detalharam ainda que na área há uma divisão hierárquica dos trabalhos a serem realizados. Aqueles considerados de mais prestígio, por exemplo prótese em porcelana, é o mais concorrido e de maior dificuldade para entrar.

E⁹: É bem difícil conseguir uma vaga nessa área de prótese dentária. Até tentei, mas eles exigem experiências e além da idade que eu já não sou novinha, né, pra começar do zero. [...] ¹⁰ Então eles exigem experiência, né. Essa área também tem muita gente que está lá sem formação pelo que eu percebi. (Elvira¹¹, Téc. Prótese Dentária, Curitiba)

E: Então tudo isso a gente meio que sabe antes, todo mundo que entra na prótese dentária ele já tem uma noção porque é porque o pai era protético, o avô era protético ou um amigo dentista. (Pierre, Téc. Prótese Dentária, Curitiba)

⁹ Nos excertos das entrevistas, a letra **E** representa a fala da/o entrevistada/o e a letra **P** indica fala/pergunta da pesquisadora.

¹⁰ Para a transcrição, nos utilizamos da seguinte legenda: [...] → supressão de trecho transcrito; ... → pausa ou interrupção; (inint) → palavra ou trecho ininteligível; (palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida. Os equívocos gramaticais apresentados nos excertos não serão corrigidos, respeitando-se a fala das(os) participantes.

¹¹ Para a denominação das/os participantes, nos utilizamos de nomes fictícios, e a escolha desses se deu privilegiando pessoas que, a nosso ver, foram/são importantes para as profissões do Eixo Tecnológico Saúde. O intuito de nomeá-las e não somente enumerá-las é também parte da metodologia a que temos em vista, considerando-as participantes ativas de todo o processo de construção da pesquisa.

Como observamos nos extratos apresentados, a questão da experiência profissional é um quesito muito importante para adentrar ao espaço laboral de prótese dentária. Nesse sentido, a exigência da experiência pressupõe empregos anteriores na área e tal como relatado pela/o participante “tem muita gente que está sem formação” e “na prótese dentária ele já tem uma noção porque é porque o pai era protético, o avô era protético [...]”. Por essas falas é possível evidenciarmos que a inserção no espaço laboral tem relação direta com vínculos familiares ou o que podemos identificar como um certo “capital cultural” e por que não, econômico, deixado/passado pelos ascendentes.

As(o) técnicas(o) em Radiologia também relataram a escassez de vagas e o fato de que para adentrar aos espaços profissionais, a indicação para a vaga ou a necessidade de “conhecer alguém” contribui para acessar com mais facilidade o espaço de trabalho, especialmente em clínicas ou laboratórios privados. Observemos o que sintetiza Marie:

E: E assim a radiologia é uma área muito complicada de conseguir emprego. Você tem que conhecer pessoas, tem que ter ali assim um padrinho, igual eu tive a minha mãe. A radiologia é uma área bem complicada. A gente tem até uma cooperativa assim aqui em Curitiba para dar emprego, mas para isso você tem que conhecer alguém ali dentro da cooperativa pra você conseguir. E assim você entra na área na louca e não tiver alguém na área para te ajudar é quase impossível conseguir, sabe. Até tem concurso, mas era muito pouco, pra Curitiba é bem difícil de acontecer. E a gente como técnico, a maioria entra ali parte da graduação. Eles querem graduação, querem pós, mestrado e a gente perde nesse quesito. [...] Acredito que é pela falta de vaga por não

ter tantos empregos assim e a maioria quem trabalha em um, trabalha em dois, trabalha em três. (Marie, Téc. Radiologia, Curitiba)

Ao detalharmos o que nos trouxe a participante, observamos alguns aspectos significativos para além da escassez de vagas na área: 1) necessidade de ter uma indicação; 2) necessidade de continuidade nos estudos e 3) acúmulo de empregos por quem já está trabalhando. Esses fatores têm um peso significativo quando pensamos nas questões de gênero, raça e classe. E nem sempre a junção dos três se faz possível. Em vista as condições de trabalho e questões salariais muitas(os) formadas(os) para ter uma renda/salário melhor precisam acumular mais de um emprego indicando a precarização das relações de trabalho e a autoexploração.

Nesse sentido, é importante voltarmos-nos ao que nos apresenta Richard Sennet (2009), quando o autor retoma as situações de trabalho vivenciadas no capitalismo, especialmente o trabalho flexível, o trabalho temporário e mais atualmente, o empreendedorismo altamente incentivado e muitas vezes ocultado por situações precárias, nas quais é mais difícil questionar as condições de trabalho e de direitos, tornando-nos cada vez mais individualistas e autoexploradas(os). Nesse contexto, a sociedade do desempenho que se faz proeminente faz com que a/o trabalhadora/r exerça uma autoexatuação. (Han 2017)

Tal como um dos possíveis motivos de desistências apontado pelas(os) egressas(os) do curso Técnico em Prótese Dentária, a dificuldade financeira para adquirir equipamento ou montar o laboratório também foi uma das expressões de desigualdades mencionadas no mundo do trabalho para essas profissionais. Observemos:

E: [...] tipo assim porque às vezes, como eu tenho contato com outros donos de laboratório, eu acabo indicando, né. É sempre aquela “ah fulano não tem

cara boa... não tem cara de competente, sabe”. Isso é um preconceito, né, porque não tava olhando o trabalho da pessoa e sim a cara, né.

P: E como são essas caras, será?

E: Cara de [...] de pessoa mais humilde né, por exemplo. (Deolinda, Téc. Prótese Dentária, Curitiba)

E: Tem, tem, tem sim. Quanto mais humilde, mais difícil ainda. Eu acho que é difícil ainda se chegar lá qualquer jeito. Até na parte de vestir, vão olhar e não vão te dar nada. Onde você sabe muita coisa, mas eles não vão te dar a chance. (Elvira, Téc. Prótese Dentária, Curitiba)

Ao retomarmos a fala de Deolinda, chama-nos a atenção a expressão “cara de...”. A cara a que se refere a egressa tem classe e está no estrato classe trabalhadora subalternizada, possivelmente a pausa e supressão de palavras tenha sido no sentido de não pronunciar “cara de pobre”, visto o tom pejorativo que essa expressão poderia causar. Nem sempre o conhecimento da pessoa possuidora “dessa cara” é levado em consideração. Como acentua Elvira “vão olhar e não vão dar nada”.

Essa situação de dificuldade financeira que associamos a uma questão de classe também foi relatada pelas(os) Técnicas em Massoterapia como uma expressão de desigualdade.

Vejamos:

E: Acontecem alguns casos ali de pessoas que não tinham como empreender, não tinha recursos ali para de repente começar um negócio. Algumas pessoas também têm medo ou não têm essa vontade de empreender e acabaram desistindo. Tem alguns colegas que trabalham tempo com masso e acabou

desistindo justamente pela falta de mercado, pela falta de perspectiva ou por ganhar pouco. [...] (Wilson, Téc. Massoterapia, Curitiba)

Das profissões técnicas do Eixo Saúde, Técnico em Massoterapia e Prótese Dentária são as mais propícias de uma atuação autônoma e desta forma requerem que as(os) profissionais adquiram e disponibilizem seus materiais e equipamentos para assim exercerem suas profissões. Como apontou Wilson, ter condições financeiras “para empreender/ montar seu negócio” é muitas vezes um requisito para a continuidade ou não na profissão técnica em Massoterapia.

Mário ao detalhar as necessidades de materiais básicos para a atuação do(a) técnico(a) em Massoterapia distingue as possibilidades das pessoas que têm melhores condições, daquelas que estão em uma condição econômica vulnerável. Essa diferença é marcante e “obrigará” as pessoas menos favorecidas a se empenharem mais do que as demais para terem êxito em suas profissões. Para completar, ao falar das pessoas mais humildes, questiona o egresso:

E: De forma que essa pessoa vai entrar num prédio? Como que essa pessoa vai trabalhar num spa? Qual que é a chance do spa 5 estrelas contratar essa pessoa? (Mário, Téc. Massoterapia, Londrina)

Destacamos que as percepções trazidas pelas(os) participantes quanto a essas dificuldades tiveram mais ênfase nas profissões técnico em Massoterapia e Prótese Dentária, por isso neste tópico nos detivemos a elas. Obviamente nas duas profissões, bem como nas demais do Eixo Saúde, há possibilidades para a inserção no mercado de trabalho, como, por exemplo, a atuação em espaços públicos de saúde.

Expressões de racismos: cadê as pessoas negras da área?

A pergunta: Cadê as pessoas negras da área? se constituiu como um tópico de discussão na pesquisa proposta. Observar e debater com as(os) participantes sobre a presença ou não de pessoas negras nos espaços de trabalho das áreas de saúde foi significativo para nominarmos este item com um questionamento. Esse movimento de observar o cotidiano e refletir sobre ele foi apontado por Fabiano como um dos aspectos resultantes da pesquisa. Nos disse ele:

E: Eu não tinha parado para pensar até eu responder sua pesquisa. Eu peguei e falei assim: Nossa, eu nunca, de fato, tinha visto profissionais de enfermagem negros, nenhum profissional de enfermagem nem me atendeu eu não trabalho com nenhum profissional da enfermagem negra. Na verdade, eu acho que eu trabalho com dois, duas são pardas, mas assim, negros, negros, eu não trabalhei com nenhum até o momento. E é uma coisa que a gente tem que parar e analisar. (Fabiano de Cristo, Téc. Enfermagem, Curitiba)

O mesmo participante complementa:

E: Eu trabalhei em alguns hospitais em Curitiba e muitos deles eu não vi nenhum profissional negro assim... no máximo duas assim, da rede privada. É muito mais comum você encontrar essas pessoas negras no SUS como profissionais da saúde ou na higienização. Em setores privados é marcador muito forte. (Fabiano de Cristo, Téc. Enfermagem, Curitiba)

Ao refletirmos sobre o que nos disse Fabiano é preciso pontuarmos a questão do colorismo, “um desdobramento do racismo” (Devulsky, 2021, p. 29), em que as pessoas negras com o tom de pele mais claro nem sempre são vistas como negras; todavia, como nos lembra Alessandra Devulsky (2021, p. 19), “o reconhecimento de vantagens concedidas a negros de pele clara não faz deles sujeitos pertencentes aos espaços de poder tradicionalmente ocupados por brancos no Brasil”. Já as pessoas com tons de pele mais retintos sofrem ainda mais as consequências do racismo. Outro aspecto é o fato de que as pessoas negras estão nos espaços de saúde ocupados pelas(os) participantes, no entanto, com mais ênfase são vistas em outros setores como o da higienização ou como pacientes.

Essa percepção de que no espaço laboral poucas são as pessoas negras das áreas técnicas também foi apontada por outras(os) participantes, que, ao enumerarem, lembravam-se exatamente, pois o pequeno número era significativo.

P: Quantas pessoas negras você conhece que trabalharam na área?

E: Lá onde eu trabalhava tinha uma. (Manuel, Téc. Radiologia, Curitiba)

E: Não. Da minha área não. Trabalho com uma pessoa. (Benoni, Téc. Enfermagem, Londrina)

Diferentemente, Ana e Clymene, ao responderem à questão de quantas pessoas negras tinham em seus espaços laborais, não responderam com nitidez.

E: Não, não conheço muito, mas eu acredito que não tenha (preconceito) pelo fato... Então eu não conheço muito, mas acredito que nessa área eles se importam mais com você sabe... mas sei lá, agora parando para pensar... Não

me lembro de ter visto. [...] Me perdi na minha resposta porque eu não lembro de ter visto. (Clymene, Téc. Prótese Dentária, Londrina)

E: Então, até tinha, poucas, mas também não presenciei nada, nenhum fato. Eu acho que até tinha, mas se alguém tinha isso era mais interno. Ninguém demonstrava.

P: E as pessoas negras também não. Você vê algum tipo de diferença? Você tem bastante colegas negros que trabalham contigo.

E: (Pausa): Que trabalham agora, não tem muito não. (Riso nervoso). [...]. Então eu não me vejo muito não, são poucos, poucos. (Ana, Téc. Enfermagem, Londrina)

As duas participantes iniciaram suas falas relatando que nas suas percepções não observavam nenhum tipo de discriminação ou desigualdade relacionada à raça. Clymene relata que no espaço da Prótese Dentária a questão racial não tem peso, importando o conhecimento da área. Ana destaca que não observou nenhuma forma de tratamento diferenciado, como ela mesmo menciona: “Eu acho que até tinha, mas se alguém tinha isso era mais interno. Ninguém demonstrava”. A essa fala associamos a discussão sobre as formas de preconceito veladas.

Ao serem interpeladas sobre a quantidade de pessoas negras nos espaços laborais, foi comum uma reação de confusão/reflexão, finalizando a resposta sem um número definido.

Além da discussão sobre racismo estrutural que para nós pode ser evidenciado com a pouca presença de pessoas negras nos espaços laborais das profissões técnicas do Eixo Saúde, as(os) participantes ao descreverem situações de desigualdades, mencionaram o racismo como uma dessas expressões.

Fabiano, em seu relato, lembra de uma colega, mulher negra, que, ao vivenciar uma situação de racismo por parte de sua chefia, abriu um processo administrativo e solicitou mudança de setor.

E: Mas já ouvi de fato muitos, muitos relatos de profissionais que já sofreram racismo. Uma colega minha de concurso que eu tô agora, ela, ela pediu para ser mudada, ela abriu processo administrativo porque sofreu racismo por parte de uma chefe dela. (Fabiano de Cristo, Téc. Enfermagem, Curitiba)

A partir do apresentado pelo egresso, identificamos que a agente causadora é também mulher e que ocupa uma posição hierarquicamente superior. Além da suposta superioridade branca, a assimetria de poder é perceptível pelos cargos ocupados (chefia-subordinada). Como a relação de trabalho vivenciada é de concurso público, ainda que não seja ideal, pois entendemos que a vítima foi a profissional técnica, houve a possibilidade de mudança de espaço laboral, enquanto as apurações do processo administrativo ocorressem.

Benoni, da mesma área técnica, lembra de uma situação vivenciada por um colega. Observemos:

E: Tem, mas a gente pega. Eu já presenciei uma paciente, ela não queria deixar um rapaz negro cuidar dela. Ela não fez aquele escândalo, olha você e negro. Ela só falou: Não eu não quero que você faça o meu exame. Não quero! Quero que uma mulher faça o meu exame.

P: E era um exame invasivo?

E: Não era. Não era nem exame. Era aferir pressão. [...] se você fosse um exame, por exemplo, vai fazer um curativo em alguma região exposta. Mas não era. Era aferir a pressão. (Benoni, Téc. Enfermagem, Londrina)

No extrato apresentado, inicialmente tenderíamos a evidenciar com mais nitidez a questão de gênero, em que a paciente mulher estaria constrangida por ser atendida por um profissional homem. Todavia, ao questionarmos a exposição ou não da paciente a um exame invasivo a ser realizado por um homem, Benoni relata que o exame em questão era somente de aferição de pressão. Não havia, nesse caso, nenhum tipo de constrangimento aparente em tal exame ser realizado por um homem. Sendo assim, somos levadas a concluir que o que incomodava a paciente a ponto de não querer o atendimento era a cor da pele do profissional, ou seja, racismo.

Da mesma forma, em uma situação de atendimento, Maria, técnica em Massoterapia, que também é mulher negra e da classe trabalhadora subalternizada, relata um episódio por ela lembrado como de desigualdade/racismo. Vejamos:

E: Eu, teve um dia e é até engraçado, teve uma professora que ela fazia com outra senhora e chegou o dia de mudança ela não queria fazer comigo, né. E ela falou, não, eu espero a fulana tal. A outra moça falou, a gente tem que trocar mesmo, mas a senhora vai gostar dela. Daí ela veio com receio, era a senhora de 70 anos. Ela veio receio só que quando eu terminei a massagem ela foi numa boa. No outro dia, ela pegou o meu whats e postou que ela tinha se sentido muito bem. Ou seja, ela teve um preconceito na hora ali, mais que depois ela gostou da massagem. No outro dia ela disse que não via hora de voltar. (Maria, Téc. Massoterapia, Londrina)

Diante dos últimos relatos, retomamos a contribuição de Mariana Mazzini Marcondes (2013, p. 270), quando ela destaca que:

A profissionalização do cuidado, embora busque muitas vezes afirmar-se como conhecimento técnico, não relacionado às emoções, está marcada pelos aspectos emocionais e afetivos do cuidado, o que torna esses(as) profissionais integrantes do que Soares (2010) denomina proletariado emocional, já que não lhes é facultado o controle do fluxo das emoções, sujeitando-se às emoções da pessoa cuidada, especialmente quando existe assimetria de relações de poder, desfavoráveis à primeira (ex.: enfermeira negra que atende a um paciente rico e branco).

Voltando ao relato de Maria, apesar de observarmos um final positivo, a egressa destaca que a sua paciente a discriminou, se negando a ser atendida por ela. Maria relatou que, à época, ela estava com sobrepeso, e isso, ao seu ver, somou-se para que ela não fosse a escolhida preliminarmente para o atendimento. Mário, que também é técnico em Massoterapia, durante a entrevista ponderou alguns questionamentos sobre esse suposto padrão esperado dos profissionais que “cuidam da saúde e do bem-estar de outras(os)”. Nos disse ele:

E: Como uma pessoa que está acima do peso, vai cuidar da saúde. Como a pessoa, quem vai contratar, vai dizer assim e qual que é o potencial a capacidade dessa pessoa. Depois não quer saber o conhecimento, que a pessoa aprendeu, o que ela está disposta a dar a oportunidade que ela está buscando para mostrar o que ela tem de melhor, que ela é capaz. Se ela concluiu, ela tem o certificado é porque ela é capaz! Mas as pessoas não querem saber se ela estudou no IF. Estudou no IF, mas está acima do peso.

Como que ela quer cuidar da saúde, se ela está acima do peso? (inint) [...]

(Mário, Téc. Massoterapia, Londrina)

Os questionamentos apresentados pelo egresso, representam o discurso propagado de que profissionais que cuidam do corpo devem ter um padrão visualmente tido como saudável. Esse padrão é representado por pessoas magras. Discurso esse recorrente em propagandas de produtos de saúde e beleza ou marketing para a promoção dos serviços dessa área.

Lucy, que é uma mulher autodeclarada negra e consciente das questões de racismo, menciona uma situação vivenciada por ela ao realizar um atendimento e que nos faz refletir sobre os padrões pré-definidos. Nos diz a egressa:

E: Na hora que eu coloquei o filho dele na cadeira ele falou não, eu não quero que você atenda meu filho, eu prefiro que a outra auxiliar atenda ele. (Lucy, Téc. Saúde Bucal, Londrina)

Ao relatar tal fato, Lucy destaca que três questões se entrecruzaram: o fato dela ser mulher, ser negra e ser de baixa estatura. Nesse sentido evidenciamos também, oculto na frase proferida pelo pai do paciente, “eu não quero que você atenda meu filho, eu prefiro que a outra auxiliar atenda ele”, o discurso hegemônico de um padrão de “aparência” preestabelecido. Para esse padrão as mulheres, brancas, magras e de média estatura são as contempladas. A participante mencionou que durante esse atendimento ela estava acompanhada por uma colega loira e mais alta. Esse padrão a que estamos nos referindo também foi mencionado por Marie, técnica em Radiologia, ao se referir às contratações para as grandes clínicas de Radiologia. Ela nos disse: “[...]. Porque lá a gente sabe que tem um padrãozinho de quem trabalha”.

Lucy mencionou também um fato em que ela foi vítima de racismo por parte de sua chefia. Vejamos:

E: [...], então em uma determinada situação eu estava auxiliando uma dentista, já tinha terminado de arrumar o local de trabalho dela e estava conversando com as outras auxiliares e eu contei que já tinha me formado que agora eu ia prestar vestibular. Aí uma dentista falou, porque você fez esse curso técnico se vocês só servem para limpar a mesa. Pra ser uma limpadora de mesa. Então assim eu era a única menina negra entre as auxiliares e ela não falou isso para as outras auxiliares, mas pra mim ela falou. Tinha um tom de racismo por parte dela, não foi só uma vez, em outras situações tinha esse racismo velado por parte dela. Então houve sim esse episódio bem triste.

(Lucy, Téc. Saúde Bucal, Londrina)

Ademais do relato vivenciado em que houve o racismo, classificado por Lucy como velado, visto que todo o discurso da dentista foi realizado junto às outras colegas, técnicas em Saúde Bucal, utilizando-se do pronome “vocês”, se observa a intenção de inferiorização das profissionais definidas pela dentista como “limpadoras de mesa”, bem como desvalorização do curso técnico realizado por elas.

Lucy menciona outros episódios também vivenciados em que a profissional de odontologia se manifestou novamente com racismo. Observemos o relato da egressa quando foi informar a sua chefia que queria prestar vestibular para odontologia:

E: Eu queria prestar vestibular. Então frases como: Ah, mas prestar vestibular pra quê? Será que você consegue? É muito difícil. A UEL não é pra você!

Para aí no curso técnico mesmo. Então assim esse tipo de fala. Afirmando que eu não tinha capacidade de entrar num curso concorrido, elitizado como é odonto na UEL. Então esses episódios assim. (Lucy, Téc. Saúde Bucal, Londrina)

As frases ouvidas pela participante são continuamente escutadas por outras mulheres negras e/ou da classe trabalhadora menos favorecida. O desestímulo para a continuidade dos estudos ou para que se faça a escolha por instituições ou cursos menos concorridos é recorrente. Para essas mulheres o peso da escolha tem que se equilibrar totalmente com suas condições objetivas e com os marcadores sociais da diferença que lhe são definidos socialmente.

Em mais uma lembrança de situações de racismo, Beatriz destaca:

E: Olha, teve uma amiga minha que era do curso. Ela era negra, ela era modelo, magra assim e tinha aquele cabelo black todo... sabe... ela era linda. Ela não trabalha na área, só que ela falou que foi fazer uma entrevista e meio que.... Olharam diferente para ela por causa do cabelo, não contrataram ela. Falou que fez umas duas entrevistas e desistiu. Terminou o técnico, mas acabou desistindo, não trabalha na área. Ela viu como preconceito. Mas foi o que ela relatou, né. (Beatriz, Téc. Saúde Bucal, Londrina)

Como observamos no relato apresentado, o episódio de racismo foi impeditivo para a inserção no espaço de trabalho. Pela situação vivenciada, conforme lembrou Beatriz, sua colega, mulher negra, acabou desistindo da procura por empregos na área Técnica em Saúde Bucal em que estava formada. Ela atendia a maioria dos quesitos de estética e foi definida pela egressa como linda, porém, o seu cabelo afro não se incluía nessas determinações.

Destacamos que dentre as situações de desigualdades de gênero, raça ou classe mencionada pelas(os) participantes, diferentes foram as(os) praticantes das violências. Pudemos identificar que em comum a relação assimétrica de poder entre praticantes e vítimas foi uma constante. No espaço laboral, principalmente as técnicas sofrem diferentes formas de violência tanto de pacientes e clientes, quanto de colegas e de seus/suas superiores. Não se pode mencionar ou sequer supor que somente os homens são os agentes de violência, o que nos indica o quanto as desigualdades de gênero, raça e classe são estruturais e estruturantes da sociedade e quanto o “Feminismo para os 99%”, apresentado por Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser é mais do que necessário. Pois, tal como nos dizem essas intelectuais (2019, p. 42, grifos das autoras), esse Feminismo, não se atém somente às questões das mulheres. “Defendendo todas as pessoas que são exploradas, dominadas e oprimidas, ele tem como objetivo se tornar uma fonte de esperança para a humanidade. É por isso que o chamamos *feminismo para os 99%*”.

É importante apontar que algumas expressões de desigualdades percebidas e/ou vivenciadas pelas(os) participantes da pesquisa, tais como o racismo e o machismo, são estruturais e estruturantes da sociedade e por esse motivo requerem ações coletivas e políticas públicas para o seu enfrentamento. Todavia, no cotidiano, entender que estamos vivendo algum tipo de desigualdade e projetar alguma ação de resistência a essas situações é fundamental para nos fortalecermos. Tal como aprendemos com Freire (1968, p. 118, grifos do autor): “Da *imersão* em que se achavam, *emergem*, capacitando-se para se inserirem na realidade que se vai desvelando. Desta maneira, a *inserção* é um estado maior que a *emersão* e resulta da conscientização da situação. É a própria consciência histórica”.

Assim, procuramos entender se as(os) participantes da pesquisa percebiam as situações de desigualdades por elas(es) vivenciadas e, a partir dessa percepção, compreender quais as implicações e reações a essas situações no seu cotidiano.

Maria, autodeclarada mulher negra, percebia que uma colega lhe olhava diferente, ao nos responder qual era sua reação para a situação e se isso lhe havia afetado nos diz:

E: Ah, eu diria pra você que nem me afetou. Eu não sei! Psicologicamente eu acho que não. Acho que não. Eu acho que não deu tempo. Eu deixava meio de lado e prosseguia, eu sou meio do tipo não gosta de mim eu dou passagem. (Maria, Téc. Massoterapia, Londrina)

Para o seu processo de enfrentamento, Maria, ao que podemos identificar, tenta repassar que essa situação não lhe afetou, nos dizendo que deixava de lado e prosseguia. Ao mesmo tempo, expressa dúvida utilizando-se da expressão “eu não sei”, “eu acho que não deu tempo”.

Como processo de resistência e autodefesa Maria se utiliza do drible da dor. Essa forma de autodefesa que, como nos apresentou Betina Stefanello Lima (2013, p. 886), “trata das manobras utilizadas pelas cientistas na recusa em perceber os obstáculos específicos do gênero dispostos ao longo de suas carreiras”. Obviamente o contexto é outro, bem como a situação de desigualdade vivenciada por Maria tem por expressão outro marcador, o racismo.

Por fim, dialogamos com o que nos traz Marie, sobre a importância de reflexão sobre as desigualdades de gênero e outras expressões no mercado de trabalho. Observemos:

E: Tipo oh, vai acontecer tal coisa, infelizmente isso não é ideal, mas vai acontecer. É assim. A gente já tinha uma certa ciência. A gente conversava bastante com ela e ela sempre era muito ciente sobre isso e ela passava isso para a gente também. Ela falava não é o ideal e a gente não pode fazer muita coisa para mudar, mas isso acontece. E a gente tinha essa parte assim de

discussão ali, a gente tinha essa ciência de que às vezes o homem ia ser preferível de ser contratado. Até pela parte da gravidez. Então algumas coisas da profissão que acontecem sempre, ela trazia isso para a gente. [...] É bom. Eu acredito que é muito importante a gente ter noção de onde a gente tá entrando. (Marie, Téc. Radiologia, Curitiba)

Marie traz em sua fala exemplos de intervenção de sua professora que durante o curso técnico refletia com a turma sobre as dificuldades a serem enfrentadas no mercado de trabalho. Como foi possível observar, os exemplos trazidos pela participante se referem a questões de gênero. Como nos disse Marie, o conhecimento e a reflexão sobre essas situações são importantes para nos posicionarmos e nos fortalecermos. Para além do necessário debate sobre as relações de gênero, as(os) entrevistadas(os) apontaram a ausência de discussão sobre racismo e mercado de trabalho. Essa questão foi trazida por Lucy (Téc. Saúde Bucal, Londrina) que apontou como possível explicação a pouca representatividade de professoras(es) negras(os), ainda, acrescentamos o pouco, ou ausente, engajamento de professoras(es) brancas(os) na luta e na discussão sobre o racismo no mercado trabalho, bem como no processo de formação.

A Pandemia da Covid 19 e as implicações nas profissões de saúde

O período vivenciado por todas as pessoas na Pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, causador da Covid 19, foi um tempo de medo. O vírus amedrontou o mundo por sua alta taxa de transmissibilidade e risco alto de infecção. Medidas sanitárias e de saúde com restrições, fechamento de comércio e distanciamento social foram essenciais para que pudéssemos entender e, de certa forma, controlar o contágio da doença. Todavia, os reflexos econômicos, sociais e na saúde física e mental da população foram inúmeros (CRUZ *et al.*, 2020). Indicadores

de trabalho e renda no Brasil, referentes a 2020, apontaram que a Pandemia reduziu o nível de empregos e agravou problemas sociais, acentuando os níveis de pobreza e desigualdade. Não podemos deixar de mencionar que a crise já vivenciada anteriormente e acentuada pela covid-19, pôs em prática, com mais ênfase, a profunda reestruturação do espaço produtivo, ressaltando as “novas” regras do mercado de trabalho.

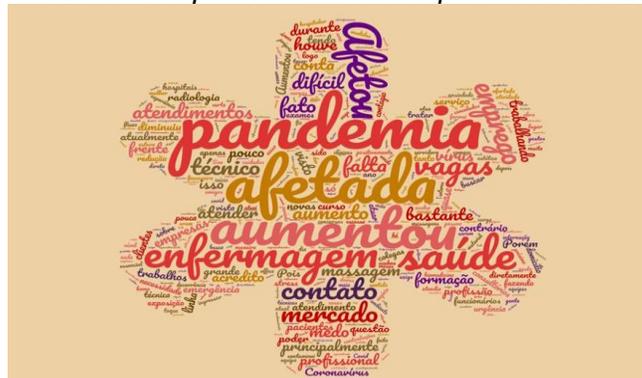
O teletrabalho ou trabalho remoto foi vivenciado por muitas profissões, sendo inclusive indicado pela Organização Mundial da Saúde nas situações possíveis. O trabalho remoto foi realidade para alguns subgrupos de trabalhadoras/res, que, considerando os dados de novembro de 2020, encontravam-se distribuídos nas seguintes porcentagens: setor de serviços com uma média de 43,6%; setor público, média de 38,9%, com tendência de elevação; o setor industrial em torno de 7,1%; comércio e agricultura, com respectivamente 5,0% e 0,6%. Em média, 84,8% dessas/es eram trabalhadoras/es formais (Góes, *et al*, 2021, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020). Da população ocupada, em relação ao mesmo período, em média 27,1% das pessoas que possuem ensino superior completo ou pós-graduação estavam em trabalho remoto; em contraste, apenas 4,4% dos com ensino médio completo ou superior incompleto; 0,9% do ensino fundamental completo ao médio incompleto e apenas 0,3% das pessoas sem instrução ao fundamental incompleto (IBGE, 2020).

Destacamos que a possibilidade de trabalho remoto nas profissões técnicas do Eixo Saúde das(os) participantes desta pesquisa não se concretizou, visto a própria natureza de prestação de atendimento direto às pessoas. Em relação às formas de contrato de trabalho das pessoas que estavam exercendo atividades laborais durante esta pesquisa, 50% trabalhavam com carteira assinada, 19,5% são autônomas(os), 17% eram servidoras/es públicos, 9% possuíam empresa/negócio próprio, 3,5% eram contratadas(os) temporariamente e 1% eram contratadas(os) sem registros formais.

Com o objetivo de conhecermos a vivência das(os) participantes nesse momento histórico e as implicações da Pandemia em sua vida e suas atividades laborais, no questionário disponibilizado, tínhamos uma pergunta que solicitava especificamente a percepção sobre a Pandemia e as consequências desse momento para o trabalho na área de formação das(os) participantes. Essa questão discursiva foi respondida por 153 participantes. A grande maioria informou-se afetada/o diretamente por esse contexto de Pandemia. Para termos uma visão geral das consequências informadas, fizemos uma nuvem de palavras e obtivemos a seguinte distribuição:

Figura 02

Nuvem de palavras – “Consequências da Pandemia”



Fonte: Questionário Egressos(as) 2021. Elaboração própria

A partir das palavras em destaque, que representam aquelas mais utilizadas nas respostas, podemos ordenar uma oração coerente formada da seguinte maneira: “a Pandemia afetou/aumentou vagas na saúde/enfermagem”. Destaca-se que as palavras: contato, emprego, atendimentos, difícil, mercado, medo e vírus também são significativas e representam especialmente a percepção das/dos participantes técnicas(os) em Massoterapia, Saúde Bucal e Prótese Dentária.

Para muitas(os) participantes a Pandemia e a consequente medida de saúde e segurança de distanciamento social significou uma diminuição ou anulamento dos atendimentos

e conseqüentemente uma queda abrupta na renda (para aquelas/es que se encontravam na situação de trabalhadoras/es autônomas(os) ou informais), situação de desemprego ou mudança de área e, para as(os) técnicas(os) em Saúde Bucal e Prótese Dentária, o impacto também representou um afastamento do mercado. Observemos:

PQ¹²: Parei de trabalhar 100% na pandemia (Tec. Massoterapia, Londrina, mulher cis, branca)

PQ: Afetou sim. Como atendo com homecare e a maior parte do meu público é voltado para a terceira idade, o receio do contágio foi grande. Hoje, percebo que a dificuldade financeira é o que está influenciando mais. (Tec. Massoterapia, Londrina, mulher cis, amarela)

PQ: Afetou no sentido de serem poucas as pessoas que podem requisitar pelo meu trabalho. A busca pela massoterapia já era pouca, hoje estão quase escassa, pois as pessoas optam, devido à situação atual, por cortar gastos e dando prioridades para as contas fixas familiares. Sendo assim uma pessoa que tinha certa regularidade de buscar por terapias manuais, hoje está deixando isso de lado, deixando de ter um autocuidado por questão de economia. (Tec. Massoterapia, Londrina, mulher cis, parda)

PQ: Com a pandemia tive que deixar a área de massoterapia e procurar outro emprego. (Tec. Massoterapia, Curitiba, mulher cis, indígena)

¹² Para diferenciarmos as interações, nos utilizamos das letras **PQ** para sinalizar as/os participantes do questionário.

PQ: Pois, atuava sem contrato formal com Quick massagem em empresas, e logo no início da pandemia fomos dispensadas. Atendi, esporadicamente, algumas pessoas nesse período em suas residências. Mas, tenho receio em continuar atendendo. Pois, necessariamente, tenho que tocar nas pessoas para trabalhar. E isso vai contra as medidas de segurança estabelecidas durante a pandemia. (Tec. Massoterapia, Curitiba, homem cis, branco)

PQ: A área acredito que foi bastante afetada, principalmente com o fechamento de laboratórios pequenos. [...]. (Tec. Prótese Dentária, Curitiba, mulher cis, parda)

PQ: Sim, fui afetada, perdi meu emprego e com a pandemia afetou muitas ofertas de emprego porque muitas empresas, consultórios e até laboratório fechou. (Tec. Prótese Dentária, Londrina, mulher cis, branca)

PQ: Eu acredito que tenha afetado sim, pois muitas pessoas deixaram de procurar atendimentos devido o medo da contaminação. (Tec. Saúde Bucal, Londrina, mulher cis, parda)

Por outro lado, com o avanço dos estudos de controle e prevenção da doença, em vista especialmente das vacinas¹³ e pelo fato da Pandemia, do distanciamento físico do trabalho

¹³ No Brasil, por ineficiência governamental no trato da questão e dificuldades de articulação política com os órgãos que estavam produzindo as vacinas, a sua aplicação começou a ocorrer de modo padronizado somente no final janeiro de 2021. Ao finalizarmos o recebimento de respostas do questionário, a aplicação de primeira dose ainda não tinha sido realizada para as pessoas com menos de 18 anos. Diferente de muitos outros países que nessa época já estavam com o processo completo.

remoto deixarem consequências para a saúde física e mental, a procura por atendimentos terapêuticos tornou-se uma alternativa requisitada. Essa situação foi também lembrada pelas(os) participantes técnicas(os) em Massoterapia. Vejamos:

PQ: Na verdade como houve aumento de ansiedade, estresse, dores por home office, a procura por meu trabalho aumentou. Estou satisfeita (Tec. Massoterapia, Londrina, mulher cis, parda)

PQ: Na verdade a demanda aumentou pois mais gente necessitando superar o stress. Porém tão preferencial pra lugar próprio e eu atendia a domicílio. (Tec. Massoterapia, Curitiba, homem cis, amarelo)

Já nos relatos das(os) participantes técnicas em Enfermagem e Radiologia é explícito o fato de abertura de novas vagas e a “facilidade” em se encontrar emprego nesse momento. O que essas profissionais apontaram como uma consequência, de certa forma, positiva.

PQ: Minha área de formação é a enfermagem, portanto a pandemia não afetou a oferta, pelo contrário aumentou a demanda. (Tec. Enfermagem, Curitiba, mulher cis, branca)

PQ: Afetado, positivamente, por tratar-se de curso técnico de enfermagem, logo uma das áreas que mais precisam de colaboradores para dar conta a atual emergência de saúde (Tec. Enfermagem, Curitiba, homem cis, branco)

PQ: Ao meu ponto de vista, a pandemia me proporcionou trabalho. Foi no início da pandemia que entrei no trabalho da radiologia. (Tec. Radiologia, Curitiba, mulher cis, branca)

Contudo, ainda que pouco observado pelas(os) participantes, esse momento acarretou uma sobrecarga de trabalho, estresse, contratações apressadas e apesar do reconhecimento da importância dessas(es) profissionais não houve valorização da categoria com melhores salários e melhores condições de trabalho. a seguir apresentamos alguns dos relatos que obtivemos:

PQ: Sim, fui afetada. Afetou pois empresas novas estão tomando o lugar nos hospitais, deixando os funcionários sem um salário digno e rebaixando os benefícios (Tec. Enfermagem, Curitiba, mulher cis, branca)

PQ: Afetou pois há vagas porém maioria temporário (Tec. Enfermagem, Curitiba, mulher cis, branca)

PQ: No meu caso, não falta serviço, está faltando mão de obra qualificado. Porém o reconhecimento financeiro que falta. (Tec. Enfermagem, Londrina, mulher cis, branca)

PQ: Afetou de modo que aumentou a demanda de serviço, muitos colaboradores afastando-se e, assim, abriu oportunidade para novas contratações. (Tec. Enfermagem, Londrina, mulher cis, parda)

Não podemos deixar de destacar que as(os) profissionais da área de saúde estavam “na linha de frente” do atendimento e do contato com pessoas contaminadas, assim a exposição e o

risco de contágio fizeram-se presente, causando falecimentos e prejuízos tanto físicos quanto psicológicos. Isso também foi lembrado pelas(os) participantes.

PQ: Da mesma forma que atingiu, os profissionais contaminados que se afasta abria vaga para outros. (Tec. Enfermagem, Curitiba, mulher cis, branca)

PQ: Eu pedi a conta do hospital porque me contaminei, contaminei meu marido, que veio a falecer, estou mudando de país. (Tec. Enfermagem, Curitiba, mulher cis, branca)

PQ: Afetou e muito. Linha de frente. Perca de profissionais para o covid ou desistência por medo do vírus. (Tec. Enfermagem, Londrina, mulher cis, branca)

PQ: Afetou muito. Clientes diminuíram a procura e eu fiquei com medo de atender também. (Tec. Massoterapia, Curitiba, mulher cis, branca)

Cabe frisar que a opção em trazer a discussão desse contexto se fez salutar para a pesquisa, pois, como observamos, as(os) participantes são pessoas entrecruzadas pelas relações de gênero, raça e classe e a Pandemia certamente acentuou as desigualdades marcadas por essas categorias.

Considerações finais

Ao finalizarmos esse artigo observamos que o objetivo proposto foi alcançado. No decorrer das discussões apresentamos e refletimos sobre expressões de desigualdades de gênero, raça e classe nos espaços laborais de técnicas(os) formadas(os) no Eixo Saúde. Para tanto, apresentamos brevemente o debate sobre o processo de trabalho e profissões feminizadas e a partir da percepção das(os) participantes da pesquisa refletimos sobre as expressões de desigualdades por elas/es presenciadas.

A partir das discussões expostas neste artigo, apesar de termos participantes diversas(os) no que se refere à formação técnica, em comum, dentre as expressões de gênero, raça e classe presentes nos seus espaços laborais, foram mencionadas situações de questionamento quanto às habilidades necessárias para a atuação profissional relacionadas socialmente com determinado gênero, como por exemplo o cuidado, pouca valorização das profissões, precariedade nas condições de trabalho, com baixa remuneração e pouca presença de pessoas negras e preconceitos raciais nas áreas de atuação.

Ainda que sejam cursos/profissões majoritariamente feminilizadas, as mulheres e homens, que não atendem aos padrões hegemônicos “disponibilizados” pela ideologia dominante, vivenciam desigualdades estruturais, as quais, é fato, muitas vezes estão naturalizadas. Nesse sentido, além de haver um predomínio de mulheres cisgênero nesses espaços, nessas profissões se vivenciam processos de feminização com expressões de preconceito e desigualdade, o que, conforme vimos ao discutir esse conceito, se dá pela desvalorização e inferiorização das características socialmente difundidas como femininas. Essas expressões de desigualdades se mantiveram e algumas se acentuaram no período de Pandemia da Covid 19. Em especial às/aos participantes da pesquisa, o período da Pandemia significou perdas de emprego, diminuição da remuneração, ou no caso das técnicas(os) de enfermagem um período de aumento de vagas com a acentuação nas condições precárias de trabalho.

As pessoas participantes da pesquisa, em geral, perceberam as desigualdades, especialmente quando essas ocorreram com elas mesmas. Também evidenciamos que algumas situações são e estão naturalizadas, fazendo parte do senso comum e, portanto, nem sempre são vistas, questionadas e consideradas como desigualdades. Ter, para esses casos, as lentes dos feminismos e dos estudos interseccionais, pode ser um elemento importante. Essas lentes, sugerimos, podem fazer parte dos currículos de formação desses cursos, distribuídas nos mais diversos conteúdos e componentes curriculares.

Referências Bibliográficas

Abramo, L. y Abreu, A. (org.) (1998). *Gênero e trabalho na sociologia latino-americana*. São Paulo: Alast.

Antunes, R. (2011). *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez.

Arruzza, C., Bhattacharya, T. y Fraser, N. (2019) *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

Biroli, F. y Miguel, L. F. (2015). Gênero, Raça, Classe: Dominações Cruzadas e Convergências na Reprodução das Desigualdades. *Mediações*, v. 20, n. 2, p. 27-55.

Crenshaw, K. (2002). Documento para o Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 171-187.

Cruz, R. M., Borges-Andrade, J. E., Moscon, D. C. B., Micheletto, M. R. D, Esteves, G. G. L., Delben, P. B., Queiroga, F. y Carlotto, P. A. C. (2020). Covid-19: emergência e impactos na saúde e no trabalho. *Rev. Psicol., Org. Trab.*, Brasília, v. 20, n. 2, p. I-

III, jun. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572020000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2021.

Devulsky, A. (2021). *Colorismo*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 208 p.

Dias, M.J. S. (2010). *Feminização do trabalho no contexto da reestruturação produtiva: rebatimentos na saúde pública*. São Luiz: Edufma, 263p.

Fairclough, N. *Discurso e mudanças sociais*. Norman Fairclough. (Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio). 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa*. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 464p.

Freire, P. *Pedagogia do oprimido* (1968). Fac símile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

Góes, G.S., Martins, F.S y Nascimento, J.A.S. (2021). O trabalho remoto e a pandemia: que a PNAD covid-19 nos mostrou. IPEA. *Carta de Conjuntura Número 50*. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210201_nota_teletrabalho_ii.pdf Acesso em: 09 out. 2021.

Han, B.C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

Hirata, H. (2016). Mulheres brasileiras: relações de classe, de “raça” e de gênero no mundo do trabalho. *Revista francobrasileira de geografia*. n. 26.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2020). *PNAD COVID-19. Trabalho Desocupação, renda, afastamentos, trabalho remoto e outros efeitos da*

- pandemia no trabalho. IBGE. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>. Acesso em: 09 out. 2021.
- Incerti, T.G.V. (2022). *Será um sonho pela metade?* Reflexões e percepções sobre gênero, raça e classe vivenciadas na formação profissional e no espaço laboral de técnicas/os do Eixo ambiente e saúde do IFPR. Tese. (Programa de pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. Curitiba. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- Lima, B.S. (2013). O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 883-903, set./dez.
- Marcondes, M.M. (2013). O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. *In: Yannoulas, S.C. (coord.). Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré.
- Nogueira, C. M. (2004). *A feminização no mundo do trabalho*. Campinas: Autores Associados.
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*.
- Saffioti, H. I. B. (1992). Rearticulando Gênero E Classe Social. *In: Costa, A. O. y Bruschini, C. (org.). Uma Questão de gênero*. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Saggese, G.S.R, Marini, M., Lorenzo, R.A., Simões, J.A y Cancela, C. D. (2018). *Marcadores Sociais da Diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica*. São Paulo: Terceiro Nome e Editora Gramma.
- Sennett, R. (2009). *Corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. (Tradução de Marcos Santana). 14. ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Record.
- Soares, A. (2010) As emoções do 'care'. *In: Colóquio Internacional: O que é 'Care'?* São Paulo: USP.

Souza-Lobo, E. (1991). *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense.

Yannoulas, S.C. (2011). *Feminização ou Feminilização?* Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*, ano 11, n. 22, p. 271-292.

Yannoulas, S. C. (2013). Sobre o que, nós mulheres, fazemos. *In*: Yannoulas, S.C. (Coord.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré.